

# CATOLICISMO ROMANO

---

## UMA ANÁLISE BÍBLICA

BRIAN SCHWERTLEY



Extraído do original inglês:

*Roman Catholicism: A Biblical Analysis*

Copyright © Brian Schwertley, Lansing, Michigan, 1996.

Editado em inglês por Stephen Pribble.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Revisão: José Santana Dória

**E**xistem dois tipos de religião no mundo hoje: religiões da *imaginação* (criadas pelos homens e os demônios) e a religião da *revelação* (que Deus por Sua graça deu ao homem na Bíblia). O propósito deste livreto é examinar algumas importantes doutrinas católico-romanas à luz da Bíblia e determinar se essas doutrinas estão em harmonia ou contradizem o claro ensino da Palavra de Deus. Uma vez que os católicos romanos crêem (como este autor) que a Bíblia é a inspirada e infalível Palavra de Deus, todo bom católico romano deve estudar a Bíblia por si mesmo e se conformar aos seus ensinamentos.<sup>1</sup> Como afirma o Papa Pio XII, “*Ignorar a Escritura é ignorar a Cristo.*”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> As bíblias citadas neste livreto são: **DB** – Douay Bible (1914). O Antigo Testamento é a versão Douay, o Novo Testamento é a edição Confraternity; a bíblia completa é comumente chamada de Douay Bible ou Douay Version. Oficialmente aprovada pela Igreja Católica Romana. **JB** – Jerusalem Bible [Bíblia de Jerusalém] (1966). Em uso comum entre os católicos romanos. **NAB** – New American Bible, Novo Testamento (1970). Oficialmente aprovada pela Igreja Católica Romana. **RSV** – Revised Standard Version (1952, 1971). Um versão alterada foi aprovada para uso leigo.

<sup>2</sup> São Jerônimo como citado em Pio XII, *Divino Afflante Spiritu* (New American Bible).

## Autoridade

A Igreja Católica Romana ensina que a Bíblia e a tradição, como interpretada pela Igreja, são o fundamento final da autoridade em religião.<sup>3</sup> Jesus condenou a tradição como regra de autoridade religiosa e exaltou a Palavra de Deus: “Os fariseus e os escribas o perguntaram, *‘Por que os teus discípulos não andam de acordo com a tradição dos anciãos...?’* Mas ele lhes respondeu dizendo, *‘...em vão me adoram, ensinando como doutrina preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, vocês guardam a tradição dos homens... Você jeitosamente anula o preceito de Deus, para guardar sua própria tradição... Você invalida o mandamento de Deus pelas suas tradições’* (Mc. 7:5-13 DB).

A Bíblia claramente condena que se acrescentem doutrinas às que Deus deu em Sua Palavra: *“Nada acrescentarás do que ordeno, e nada diminuirás, mas manterás as ordens de Yahweh, teu Deus, do mesmo modo como as deixei”* (Dt. 4:2 JB).

Usar sistemas filosóficos não-cristãos para formular doutrina cristã (e.g., Tomás de Aquino) também é claramente condenado pela Bíblia: *“Cuidado para que ninguém vos engane com sua filosofia e vã sutileza; de acordo com a tradição dos homens, de acordo com os rudimentos do mundo, e não de acordo com Cristo”* (Col. 2:8 DB)

A Bíblia ensina que nós não precisamos de nenhuma tradição extrabíblica, porque a Bíblia é tudo o que nós precisamos; ela sozinha pode tornar um cristão “totalmente capaz”. “Toda Escritura é inspirada por Deus e é apta para o ensino – para repreensão, correção, e educação em santidade, a fim de que o homem de Deus seja *completamente competente* e equipado para *toda* boa obra” (2 Tim. 3:16-17 NAB).

A História demonstrou que a tradição é incerta como um guia para a doutrina, como Loraine Boettner competentemente mostrou:

---

<sup>3</sup> O ensino católico romano sobre a autoridade pode ser visto nos seguintes documentos. O Concílio de Trento (4th sess., 1546) declarou, “Vemos claramente que esta verdade e disciplina estão contidas nos livros escritos, e na *tradição não escrita*” Cf. O Dogmático Decreto do Concílio Vaticano (3rd sess., 1870), cap. 2, par. 3; o Credo do Papa Pio IV.

“Além disso, que o corpo da tradição não é de origem divina nem apostólica é provado pelo fato de que algumas tradições contradizem outras. Os pais da igreja repetidamente se contradiziam. Quando um sacerdote católico-romano é ordenado ele jura solenemente interpretar as Escrituras somente de acordo com “o consenso unânime dos pais.” Mas tal “consenso unânime” é meramente um mito. O fato é que eles concordam muito pouco em qualquer doutrina. Eles contradizem uns aos outros e contradizem até a si mesmos quando mudam de opinião e afirmam aquilo que antes condenavam. Agostinho, o maior dos pais, no final de sua vida escreveu um livro especial no qual registrou suas *Retractions*. Alguns dos pais do segundo século sustentaram que Cristo retornaria brevemente e que ele reinaria pessoalmente em Israel por mil anos. Mas dois dos mais bem conhecidos estudiosos da igreja primitiva, Orígenes (185-254) e Agostinho (354-430) escreveram contra tal visão. Os pais primitivos condenaram o uso de imagens na adoração, enquanto mais tarde aprovaram tal uso. A igreja primitiva quase unanimemente defendeu a leitura e o livre uso das Escrituras, enquanto posteriormente restringiu sua leitura e uso. Gregório o Grande, bispo de Roma e o maior dos bispos primitivos, denunciou o uso do título de Bispo Universal como anti-cristão. Mas posteriormente, e até o presente, os Papas têm sido muito insistentes em usar títulos similares que afirmam autoridade universal. Onde, então, a tradição universal e o consenso unânime dos pais são a doutrina papal?”<sup>4</sup>

A Bíblia enfaticamente condena o uso da tradição como uma fonte de autoridade porque em sempre que a tradição é deixada ao lado da Escritura, ela eventualmente é posta sobre a Escritura, e é então usada para interpretar a Escritura. Isto é exatamente o que aconteceu com o judaísmo nos dias de Cristo, e infelizmente o que aconteceu na Igreja Católica Romana: a tradição e o ritual tornaram-se tão importantes que foi necessário manter a Bíblia distante do povo. De fato, por séculos foi um pecado mortal possuir e ler a Bíblia na língua nativa de alguém. O Concílio de Valência (1229), o Concílio de Trento (1545) e o Papa Clemente XI (1713), todos condenaram a leitura da Bíblia pelo povo e em suas próprias línguas. Sacerdotes são rápidos em mostrar que o Papa Leão XIII (1893) desejou que o povo lesse a Bíblia. Mas a Bíblia a que ele se referia era a Vulgata Latina que virtualmente ninguém, exceto os sacerdotes, poderiam entender! Felizmente, no século XX a “igreja

---

<sup>4</sup> Loraine Boettner, *Roman Catholicism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1962), pp. 78-79.



imutável” mais uma vez mudou de idéia e permitiu aos leigos ter a Bíblia em suas próprias línguas. Mas os católicos romanos somente permitem a leitura das Bíblias aprovadas pela igreja, que contenham explicações, por um teólogo autorizado, dos textos “difíceis” ao fim de cada página.

Assim, durante mil anos, do primitivo sexto século ao século dezesseis, enquanto a Igreja Romana segurou a balança, a Bíblia permaneceu um livro fechado. A Igreja Romana, ao invés de ser um império de luz, tornou-se império de trevas, promovendo ignorância e superstição e mantendo o povo em escravidão.

A política tradicional de Roma para buscar limitar a circulação da bíblia de anatematizar ou destruir todas as cópias que não eram anotadas com suas doutrinas distintivas mostra que ela realmente a temia. *Ela lhe é oposta porque ela se lhe opõe.* A prova clara é que ela não pôde deter as pessoas quando elas se tornaram espiritualmente iluminadas e descobriram que suas doutrinas distintivas eram meramente invenções humanas.<sup>5</sup>

## *Imagens na Adoração*

Este é o ensino oficial da Igreja Católica Romana, decretado pelo Concílio de Trento: *“As imagens de Cristo e da Virgem Mãe de Deus, e de outros santos, devem estar e ser mantidas, especialmente nas igrejas, e a devida honra e veneração lhes serão dadas.”*<sup>6</sup>

Deus deu instruções claras para a adoração: se curvar ou ajoelhar a uma imagem esculpida e fazer uma imagem de escultura para a adoração é proibido: *“Você não deve fazer para si imagem de escultura ou semelhança de qualquer coisa nos céus ou na terra nem nas águas debaixo da terra; você não deve se curvar a elas nem as servir”* (Êx. 20:4-5 JB).<sup>7</sup> Os católicos romanos se ajoelham perante o papa e beijam seu anel e ajoelham-se diante da estátua de São Pedro em Roma e

<sup>5</sup> Ibid., pp. 100-101, ênfase acrescentada.

<sup>6</sup> Concílio de Trento, 25th sess. (1563).

<sup>7</sup> Em hebraico “Você não deve se curvar” está no pretérito *hithpael* negativo; ele tem a força de um causativo/indireto reflexivo. Assim, curvar-se a uma estátua “como uma incremento da adoração” faz com que alguém a adore e servi. As tentativas de liberar o “curvar-se” da adoração de hoje violam o ensino claro do texto hebraico.

beijam o dedo do seu grande pé, embora o apóstolo Pedro tenha proibido tal conduta: “*Entrando Pedro, Cornélio lhe saiu ao encontro e, ajoelhando-se a seus pés, o adorou. Pedro disse levantando-o, ‘Ergue-te! De mim mesmo sou somente um homem’*” (At. 10:25-26 NAB). Da mesma forma que Pedro recusou a reverência de Cornélio, um poderoso anjo nos céus também recusou a adoração de João: “*Prostrei-me a seus pés para adorá-lo, mas ele me disse, ‘Não, levante-se! Eu sou meramente um conservo teu e dos teus irmãos que dá testemunho de Jesus. Adora a Deus’*” (Ap. 19:10 NAB). Assim, a Bíblia enfaticamente ensina que nós só podemos nos curvar perante Deus. Sacerdotes, teólogos, e estudiosos católico-romanos insistem que os santos, Maria, as estátuas e as relíquias não são cultuadas; eles substituem a palavra culto por honra, veneração, e adoração. Embora, como Dr. Martyn Lloyd-Jones mostrou, essa inteligente mágica semântica se desfaça completamente na prática cotidiana da igreja:

Ora, não há nada que seja tão condenado na Escritura como a idolatria. Nós não devemos fazer “imagens de escultura.” Mas a Igreja Católica Romana está repleta de imagens. Ela ensina seu povo a adorar imagens: eles adoram estátuas, formas e representações. Se você já foi a qualquer destas grandes catedrais você já deve ter visto as pessoas fazendo isto. Vá a São Pedro em Roma e você notará que há um tipo de monumento do apóstolo Pedro, e se você reparar num dos dedos do pé você perceberá que ele é liso e gasto. Por quê? Porque muitas pobres vítimas do ensino católico-romano foram beijar aquele pé! Elas se curvam com reverência e adoram imagens, estátuas, e relíquias. Eles reivindicam ter relíquias de certos santos, um pouco de osso, algo que ele usou, e põem isto em um lugar especial, e perante isto elas se curvam. Isso é nada mais que completa idolatria.<sup>8</sup>

O Papa Gregório III (eleito em 731) condenou o uso de imagens na adoração. O Papa Constantino V (eleito em 740), que governou a igreja por quase sessenta anos, condenou como herético o uso de imagens de Cristo porque somente a natureza humana de Cristo podia ser descrita. Um conselho da igreja que ocorreu perto da Calcedônia, em 10 de fevereiro de 753 (e durou sete meses), condenou o uso de imagens na adoração como sendo “*idolatra e*

<sup>8</sup> Martyn Lloyd-Jones, *Roman Catholicism* (London: Evangelical Press), p. 6.

*herético, uma tentação à fé originada com o diabo.*<sup>9</sup> Aquele concílio teve uma frequência de 338 bispos, tornando-se o maior concílio daquele tempo. Onde estão agora a infalibilidade papal e a imutabilidade da igreja?! A Bíblia é clara: idolatria é falsa adoração.

## María

O ensino da Igreja Católica Romana é que Maria nasceu sem pecado original (essa doutrina é chamada de Imaculada Conceição).<sup>10</sup> Isto é bíblico? A Bíblia ensina que somente Jesus Cristo, o segundo Adão, nasceu sem pecado original (veja Rm. 5:18, Hb. 4:15); *todos os outros têm pecado original: “Portanto, como por um homem o pecado entrou no mundo e com o pecado a morte, assim a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram”* (Rm. 5:12 NAB). *“A morte veio por meio por um só homem... todos os homens morreram em Adão”* (1Co. 15:21-22 JB).

A Igreja Católica Romana também ensina que Maria nunca cometeu pecado real.<sup>11</sup> Isto é verdade? O apóstolo João diz que qualquer que afirmar não ter pecado é mentiroso: *“Se dissermos não haver pecado algum em nós, enganamos a nós mesmos e nos recusamos a admitir a verdade”* (1 Jo. 1:8 JB). O apóstolo Paulo enfaticamente afirma que *todas as pessoas são pecadoras: “Judeus e gregos estão todos debaixo do domínio do pecado. Como diz a Escritura: ‘Não há justo, nem ao menos um’”* (Rm. 3:9-10 JB). Maria mesma foi quem admitiu sua necessidade de um salvador: *“e Maria disse, ‘Minha alma proclama as grandezas do Senhor e meu espírito exulta em Deus meu salvador’”* (Lc. 1:46-47 JB). Alguém sem pecado não tem necessidade de ser salva de seus pecados!

---

<sup>9</sup> Philip E. Hughes, *The Church in Crisis: A History of the General Councils, 325-1870*, (Garden City, N.J.: Image, 1964), p. 167.

<sup>10</sup> A doutrina da imaculada concepção de Maria foi sancionada em um decreto pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

<sup>11</sup> “A Igreja Católica, a infalível intérprete da Sagrada Escritura, declara que ela se manteve sem pecado por toda a sua vida devido a um favor especial de Deus” (Bertrand L. Conway, *The Question-Box Answers* [Nova Iorque: Paulist, 1903], p. 377; cf. Concílio de Trento, 4th sess., can. 23).



Além do mais, a Igreja Católica Romana ensina que Maria foi perpetuamente virgem (isto é, sua vida inteira). Todavia São Mateus, um judeu escrevendo para judeus, diz que Jesus é o *primeiro filho* dela, uma expressão usada pelos judeus quando outra criança nasceu depois da primeira; caso contrário, “único filho” teria sido usada: “*E ele não a conheceu antes que desse a luz a seu primeiro filho*” (Mt. 1:25 DB). Mateus escreveu seu evangelho cerca de 35 anos depois do nascimento de Cristo e evidentemente sabia que Maria teve filhos depois que Jesus nasceu. A bíblia especificamente diz que Jesus teve irmãos; o próprio São Mateus nos diz os seus nomes: “*Não é Maria conhecida por ser sua mãe, e Tiago, José, Simão e Judas seus irmãos? Não são suas irmãs nossas vizinhas?*” (Mt. 13:55-56 NAB). “*Todos estes perseveravam em contínua oração, juntos com muitas mulheres, incluindo Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele*” (At. 1:14 JB). Estudiosos católico-romanos afirmam que Mateus Lucas e Paulo (1 Co. 9:5) não queriam dizer irmão quando disseram irmão, queriam dizer primo. Essa visão, entretanto, não tem base em parte alguma da Escritura. A palavra grega *adelphos* é sempre traduzida por “irmão” e nunca por “primo”. Os judeus compararam a obra milagrosa de Jesus com seus irmãos comuns; teria sido absurdo comparar Jesus com Seus primos.<sup>12</sup>

Para entender o quanto o ensino católico-romano com respeito à Maria está afastado das Escrituras, Dr. Joseph Zacchello pôs o ensino católico-romano em uma coluna e a Palavra de Deus em outra coluna. O ensino católico-romano é de *The Glories of Mary*, do Bispo Alphonse de Ligouri (Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931). As citações da Bíblia são da Douay Bible.

---

<sup>12</sup> A Bíblia claramente ensina que celibato e casamento não combinam. Para que Maria permanecesse virgem durante sua vida inteira, após o nascimento de Cristo, ela teria de desobedecer a Escritura, o que uma mulher piedosa como ela recusou-se a fazer. “O marido conceda à sua esposa seus direitos conjugais, e do mesmo modo a esposa a seu marido. Pois a esposa não tem domínio sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; do mesmo modo o marido não tem domínio sobre o seu próprio corpo, mas sim a esposa. Não recuseis um ao outro exceto talvez por um período, para vos dedicardes à oração; mas vos ajuntais novamente, para que Satanás não vos tente por falta de controle próprio” (1Cor. 7:3-5 RSV).

### MARIA É POSTA NO LUGAR PERTENCENTE A CRISTO

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“E ela é a verdadeira medianeira da paz entre os pecadores e Deus. Pecadores recebem o perdão por...Maria somente” (pp.82-83). “Maria é nossa vida...Maria obtêm sua graça para os pecadores por meio de sua intercessão, assim os restaura para a vida” (p.80). “É falho e *perdido* quem não recorre à Maria” (p.94).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Pois há um só Deus, e *só um* mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus” (1Tm.2:5). “Jesus lhe disse: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo.14:6). “Cristo... é nossa vida” (Cl. 4:4).

### MARIA É GLORIFICADA ACIMA DE CRISTO

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“A Santa Igreja ordena a peculiar adoração a Maria (p.130). Muitas coisas...são pedidas a Deus, e não são obtidas; elas são pedidas a Maria, e são obtidas, porque Ela...é até mesmo Rainha do Inferno, e Senhora Soberana dos Demônios” (pp. 127, 141, 143).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Em Nome de Jesus Cristo...Pois não ha outro nome dado aos homens debaixo do Céu, pelo qual devemos ser salvos” (At. 3:6, 4:12). “Seu nome é acima de todo nome...não só neste mundo, mas também no porvir” (Ef. 1:21).

### MARIA É O PORTÃO PARA O CÉU, AO INVÉS DE CRISTO

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“Maria é chamada...o portão do céu porque ninguém pode adentrar o reino abençoado sem passar por *ela* (p.160). O caminho da salvação a ninguém é aberto de outro modo, a não ser por Maria, e mesmo nossa salvação está nas mãos de Maria...aquele que é protegido por Maria será salvo, aquele que for [protegido por Maria] não se perderá” (pp. 169-170).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo” (Jo. 10:1). “Jesus lhe disse, ‘Eu sou o caminho... ninguém vem ao Pai, a não ser por mim’” “Nem em nenhum outro nome há salvação [a não ser em Jesus Cristo]” (At.4:12).

### A MARIA É DADO O PODER DE CRISTO

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“Todo o poder a ti é dado no Céu e na terra, de forma que ao comando de Maria todos obedecem – *até mesmo Deus...* e assim... Deus pôs toda a Igreja...sob o domínio de Maria” (pp. 180-181). “Maria é também a Advogada de toda a raça humana...porque, junto a Deus, ela pode realizar o que deseja” (p.193).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Todo poder me é dado no Céu e na terra” (Mt. 28:18). “Em o nome de Jesus todo joelho se dobrará” (Fl. 2:9-11). “Que em todas as coisas Ele tenha a primazia” (Cl. 1:18). “Se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo o Justo: e ele é a propiciação por nossos pecados” (1 Jo. 2:1-2).

### MARIA É A PACIFICADORA AO INVÉS DE JESUS CRISTO NOSSA PAZ

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“Maria é a Pacificadora entre os pecadores e Deus” (p.197). “Nós freqüentemente obtemos mais rapidamente o que pedimos invocando o nome de Maria do que o nome de Jesus. Ela... é nossa Salvação, nossa Vida, nossa Esperança, nosso Conselho, nosso Refúgio, nossa Ajuda” (pp. 254,257).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Pois Ele é a nossa paz...” (Ef. 2:13,14). “Até agora não pediste coisa alguma em meu nome. Pedi, e recebereis, pois tudo quanto pedirmos de acordo com a Sua vontade, ele nos concederá” (Jo. 16:23,24).

### A MARIA É DADA A GLÓRIA QUE PERTENCE SÓ A CRISTO

#### IGREJA CATÓLICA ROMANA:

“A Trindade completa, Ó Maria, dá a ti um nome...sobre todo o nome, que ao teu nome, todo o joelho deve dobrar-se, dos que estão no céu, na terra, e debaixo da terra” (p.260).

#### PALAVRA DE DEUS:

“Deus também *O* exaltou soberanamente, e deu a *Ele* um Nome que é acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, dos que estão no céu, na terra, e debaixo da terra” (Fl. 2:9, 10).

Liguori, mais do que qualquer outra pessoa, tem sido responsável por promover a mariolatria na Igreja Romana, destronando Cristo e entronizando Maria nos corações do povo. Ao invés de excomungá-lo por suas heresias, a Igreja Romana o canonizou como um santo e publicou várias edições do seu livro (recentemente sob a aprovação oficial do Cardeal Patrick Joseph Hays, de Nova Iorque).<sup>13</sup>

## *Mãe de Deus*

A igreja romana chama Maria de “mãe de Deus,” um nome impossível, ilógico e não-bíblico. É impossível, pois Deus não pode ter mãe; Ele é eterno e sem princípio, enquanto Maria nasceu e morreu dentro de alguns anos. É ilógico, porque Deus não requer uma mãe para Sua existência. Jesus disse, “*Antes de Abraão nascer, Eu sou.*” (Jo. 8:58). É antibíblico, pois a Bíblia não concede a Maria esse nome contraditório. Maria foi a honrada mãe do corpo humano de Jesus – nada mais. A natureza divina de Cristo existia desde toda a eternidade, muito antes de Maria nascer. Jesus nunca a chamou sua “mãe”; Ele a chamou de “mulher.”<sup>14</sup>

## *Celibato*

A Igreja Católica Romana requer do papa, cardeais, bispos, padres, monges e freiras que se abstenham do casamento.<sup>15</sup> Ainda que Cristo não tenha proibido a vida casada de Pedro, que é considerado pela Igreja Católica Romana como o primeiro papa. Jesus mostrou sua preocupação pela família de Pedro quando ele curou sua sogra. “*Jesus chegou à casa de Pedro, e viu a sogra deste de cama com febre. Ele a tomou pela mão e a febre a deixou*” (Mt. 8:14-15 NAB). O apóstolo Paulo claramente afirma que todos os apóstolos, exceto

---

<sup>13</sup> Boettner, pp. 138-140.

<sup>14</sup> *Is Rome the True Church?* p. 20. É mais teologicamente preciso falar de Maria como a mãe da natureza humana de Jesus; isto abrange mais do que só um corpo físico, inclui tudo o que caracteriza um ser humano exceto o pecado inerente de Adão.

<sup>15</sup> O celibato do sacerdócio foi declarado pelo Papa Gregório VII (Hildebrando) em 1079 d.C.

ele, eram casados: *“Não temos nós o direito de nos fazer acompanhar por uma esposa, como os outros apóstolos e irmãos em Cristo e Cefas [Pedro]?”* (1Co. 9:5 RSV).<sup>16</sup> Os teólogos católico-romanos admitem que o apóstolo Pedro era casado, mas afirmam que ele deixou sua esposa e família para seguir a Cristo e permaneceu celibatário pelo resto de sua vida. Mas esse ponto de vista contradiz totalmente a Escritura. Paulo, que escreveu 1 Coríntios em 58 d.C., disse que naquele tempo Pedro era casado. Portanto, comparando essa data com o evangelho de Mateus, sabemos que Pedro esteve casado por pelo menos 26 anos. A Bíblia também ensina em 1 Coríntios 7:2-5 que maridos e esposas têm de prover relação sexual fixa a seu cônjuge; com exceções somente por breves períodos de oração. Pedro não pode ter deixado sua esposa para ser celibatário sem desobedecer a Deus.

Deus deu instruções explícitas em Sua Palavra para as qualificações do bispo. (A palavra grega para bispo, *episkopos*, é traduzida em diferentes bíblias como diácono, presbítero, bispo, e em algumas versões antigas, sacerdote; tenha em mente que elas são todas traduções da mesma palavra grega.) Não somente o celibato não é requerido, mas casamento e filhos são claramente permitidos. Somente o ter mais de uma esposa é proibido: *“Como vos prescrevi, um presbítero deve ser irrepreensível, marido de uma só [mulher], e pai de filhos que são crentes”* (Tt. 1:5-6 NAB). *“É necessário portanto que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só esposa...alguém que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição”* (1Tm. 3:2-4 DB).

A Bíblia diz que a doutrina de proibir o casamento é doutrina de demônios. *“O Espírito expressamente afirma que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e darão ouvidos a espíritos enganadores e ensinios de demônios pela hipocrisia mentirosa – de homens com a consciência cauterizada*

---

<sup>16</sup> O grego neste verso, *adelph\_n gunaika*, é literalmente traduzido por “uma irmã, uma esposa.” A tradução mais idiomática é “uma esposa cristã.” A bíblia católica romana traduz essa frase como “uma mulher cristã” ou “uma irmã, uma mulher” porque *gunaika* é muitas vezes traduzida por “mulher.” Mas qualquer léxico grego que se consulte traduz *gunaika* aqui como “esposa.” O contexto favorece “esposa,” porque Paulo argumenta que ele merece ajuda financeira como os outros apóstolos receberam quando foram carregados com a responsabilidade financeira de uma família.



*que proibem o casamento e requerem abstinência de comidas que Deus criou para serem recebidas com ações de graças” (1 Tm. 4:1-3 NAB).<sup>17</sup>*

## *Pedro foi o primeiro Papa?*

A Igreja Católica Romana ensina que o papa é o supremo cabeça da igreja sobre a terra, que o apóstolo Pedro foi o primeiro papa, e que todos os papas são sucessores diretos de Pedro.

Dr. Joseph Zacchello, que treinou para o sacerdócio católico-romano na Itália e serviu como padre em Nova Iorque, cuidadosamente mostrou o que a bíblia ensina a respeito do apóstolo Pedro.

No concílio de Jerusalém Pedro tomou parte nas discussões, mas o apóstolo Tiago, e *não* Pedro, presidiu e pronunciou a decisão do concílio: *“E depois que eles se aquietaram, Tiago respondeu, dizendo, ‘Varões, irmãos, ouvi-me... Por esta causa eu julgo...’”* (At. 15:13, 19). Pedro chama a se mesmo de presbítero e não de papa: *“Agora tenho algo que dizer aos presbíteros: Sendo eu também um deles”* (1 Pe. 5:1 JB). Os outros apóstolos não reconheceram Pedro como seu chefe; de fato, eles o enviaram para pregar em Samaria (não o contrário): *“Ora, quando os apóstolos que estavam em Jerusalém ouviram que Samaria recebera a palavra de Deus, eles enviaram para lá Pedro e João”* (At. 8:14).

São Paulo não creu que Pedro era o chefe; de fato:

(a) Paulo menciona Pedro mais de uma vez, porém ele nunca o menciona com qualquer título especial de honra, tal como vicário ou papa, ou dá qualquer indício de que ele estivesse acima de qualquer dos outros apóstolos.

---

<sup>17</sup> Em Mt. 19:12 Jesus Cristo ensina que o celibato é voluntário. Em 1 Cor. 7:8-9 Paulo diz que o celibato é um dom. Se as pessoas têm dificuldade de controlar sua conduta sexual, eles devem casar. “Em um dos poucos estudos baseados numa grande quantidade de dados – 1.500 entrevistados entre 1960 e 1985 – o psicólogo de Maryland, Richard Sipe, um ex-padre, concluiu que cerca de 20 por cento dos 57.000 padres norte-americanos são homossexuais e que metade deles são sexualmente ativos. Porém desde 1978, acredita Sipe, o número de padres gays tem aumentado significativamente; outras terpeutas pensam que o quadro real de hoje gira em torno de 40 por cento” (Kenneth L. Woodward, “Gays in the Clergy: Homosexual Priests,” *Newsweek*, Feb. 23, 1987, p. 58).

(b) Paulo ensinou que aqueles que se prendiam a Pedro (ou a qualquer outro apóstolo ou pessoa) como um grupo distinto eram culpados de cisma, porque Cristo é o cabeça (1 Co. 1:12-13; 3:22).

(c) Paulo não menciona o papado quando se refere aos oficiais da igreja (1 Co. 12:28, Ef. 4:11).

(d) Paulo como um apóstolo reivindicou autoridade sobre a própria igreja Romana (Romanos 1:5-6; 16:17).

(e) Paulo era “em nada inferior aos mais excelentes apóstolos” (2 Co. 12:11-12).

(f) Paulo negou expressamente que Pedro era o papa e depois afirmou que enquanto Pedro era para os Judeus, ele, Paulo, era para os gentios. Isto certamente é incompatível com qualquer idéia de um papa nos dias de Paulo (Gl. 2:7,8).

(g) Paulo reprovou Pedro sem qualquer menção da supremacia de Pedro (Gl. 2:11).<sup>18</sup>

Se Pedro era chefe, era dever de Paulo e dos apóstolos reconhecê-lo como tal, respeitando-o como chefe e ensinando em seus escritos que ele era o chefe; mas nem os evangelhos, nem os Atos dos Apóstolos, nem as epístolas ou o Apocalipse mencionam jamais isto.<sup>19</sup>

## *O Papa é infalível?*

A Igreja Católica Romana ensina que o papa é infalível quando fala ele fala sobre assuntos de doutrina.<sup>20</sup> Ralph Woodrow contestou tal reivindicação examinando muitas afirmações e decisões papais através da história:

O fato é que nem em prática nem em doutrina os papas foram infalíveis. Nos deixe mostrar algumas das centenas de contradições dessa doutrina da infalibilidade papal:

<sup>18</sup> Joseph Zacchello, *Secrets of Romanism* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1948), pp. 43-44.

<sup>19</sup> James D. Bales como citado por Zacchello, p. 44.

<sup>20</sup> “O Pontífice Romano, cabeça do colégio dos bispos, goza dessa infalibilidade em virtude de seu ofício, quando, como supremo pastor e professor do toda a fé...ele proclama por um ato definitivo uma doutrina pertinente à fé ou à moral” (*Catechism of the Catholic Church* [Liguori, MO: Liguori Publications, 1994], §891).

Papa Honório I, depois de morto, foi denunciado como um herético pelo Sexto Concílio no ano 680. Papa Leão confirmou sua condenação. Ora, se os Papas são infalíveis, como pode um condenar o outro?

Papa Virgílio, depois de condenar certos livros, removeu sua condenação, depois os condenou novamente e então retratou sua condenação, e então os condenou de novo! Onde está a infalibilidade aqui?

O *duelo* foi autorizado pelo Papa Eugênio III (1145-53). Mas depois o papa Julio II (1509) e o papa Pio IV (1506) o proibiram.

No século onze houve três papas rivais ao mesmo tempo, todos os quais foram depostos pelo concílio coordenado pelo imperador Henrique III. Depois no mesmo século, Clemente III foi oposto por Vitor III e posteriormente por Urbano II. Como os papas podem ser infalíveis se eles se opõem uns aos outros?

Então veio o “grande cisma”, em 1378, que durou cinquenta anos. Os italianos elegeram Urbano VI e os cardeais franceses escolheram Clemente VII. Os papas amaldiçoavam um ao outro ano após ano até que um concílio depôs a ambos e elegeu a um outro.

Papa Xisto V preparou uma versão da bíblia que ele declarou como sendo autêntica. Dois anos depois o Papa Clemente VIII declarou que ela era cheia de erros e ordenou que uma outra fosse feita.

Papa Gregório I reputou o título de “bispo universal” como sendo “profano, supersticioso, arrogante, e inventado pelo primeiro apóstata” (Epistola 5:20-7:33). Ainda assim, através dos séculos, outros papas reivindicaram o título. Como então podemos dizer que os papas são infalíveis definindo doutrina, se eles contradizem diretamente uns aos outros?

Papa Adriano II (867-872) declarou o casamento civil como sendo válido, mas o Papa Pio VII (1800-1823) os condenou como inválido.

Papa Eugênio IV (1431-1447) condenou Joana D’Arc a ser queimada numa estaca como bruxa. Mais tarde, um outro papa, Bento IV, a declarou como sendo uma “santa.” É isto que é infalibilidade papal?

Como todos os papas podem ser infalíveis quando certo número dos próprios papas condenou tal ensino? Virgílio, Inocente III, Clemente IV, Gregório XI, Adriano IV, e Paulo IV, todos rejeitaram a doutrina da infalibilidade papal. Pode um papa infalível ser infalível e não saber disto? Que inconsistência!<sup>21</sup>

## *Vigário de Cristo?*

O papa, de acordo com o ensino católico-romano, é o vigário de Cristo, representante pessoal de Cristo na terra.<sup>22</sup> Uma breve comparação irá mostrar o absurdo de tal reivindicação.

<b>O PAPA:</b>	<b>JESUS CRISTO:</b>
Usa uma coroa de enfeite triplo que custa mais de 1.300 dólares	Usou uma coroa de espinhos (Jo. 19:2)
Reivindica ser o cabeça de todos os reinos da terra	Disse, “Meu reino não é desse mundo” (Jo. 18:36—Seu reino não se originou na terra mas no céu; se estende a todas as instituições, incluindo a igreja)
É esperado por seus criados e vive em extrema riqueza e luxo	Veio para servir e sofrer; “não teve onde reclinar sua cabeça” (Mt. 8:20)
Veste roupas ornados, caros vestidos	Vestiu-se como um camponês humilde
Muitos papas, especialmente na Idade Média, viveram em total imoralidade	Viveu uma vida de perfeição sem pecado (Hb. 4:15) <sup>23</sup>

<sup>21</sup> Ralph Woodrow, *Babylon Mystery Religion* (Riverside, CA, 1966), pp. 102-103.

<sup>22</sup> “O Pontífice Romano, em razão de seu ofício como Vigário de Cristo, e como pastor da Igreja inteira tem completo, supremo, e universal poder sob toda a Igreja...” (*Catechism of the Catholic Church*, §882).

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 102 (leves alterações feitas pelo autor).

## *O Confessionário*

A Igreja Católica Romana ensina que a confissão de nossos pecados deve ser feita a um sacerdote autorizado para o propósito de obter perdão.<sup>24</sup> A bíblia ensina que os cristãos devem confessar seus pecados uns aos outros (não só ao sacerdote ou ministro), não porque os cristãos possam perdoar pecados, mas, porque podem orar e encorajar uns aos outros: “Confessai portanto vossos pecados *uns aos outros*: e orai uns pelos outros, para que sejais curados” (Tg. 5:16 DB). Na igreja primitiva, a confissão como um ato público de arrependimento era feito diante de toda a igreja, não só do ministro: “*E muitos daqueles que creram, vinham confessando e declarando seus feitos. E muitos daqueles que seguiam artes mágicas, juntaram seus livros e os queimaram perante todos*” (At. 19:18-19 DB).

Quando o escriba indagou, “*Por que esse homem fala assim? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão unicamente Deus?*” (Mc. 2:7 DB), ele estava correto. Ninguém a não ser Deus pode perdoar pecados – e um mero homem reivindicar que pode é blasfêmia. Jesus respondeu dizendo, “*O Filho do Homem tem poder sobre a terra para perdoar pecados*” (v.10); conseqüentemente, Ele não era um mero homem – Ele era Deus. Mas nenhum sacerdote ou ministro pode perdoar pecados, porque ele é um homem. Nós podemos ir diretamente a Deus por meio de nosso mediador Jesus Cristo e sermos perdoados.<sup>25</sup>

Em Atos 8:22, Pedro disse a Simão Mago para “orar a Deus” por perdão – não para ele que supostamente foi o primeiro papa. A confissão de pecados é ordenada na bíblia inteira, mas sempre é confissão a *Deus*, nunca ao homem. É um fato notável que embora Paulo, Pedro e João lidassem freqüentemente com homens e mulheres em pecado, tanto em seu ensino quanto em sua prática eles nunca permitiram que um pecador ou santo se confessasse a eles.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Baltimore Catechism, p. 231.

<sup>25</sup> Oswald J. Smith, *The Roman Catholic Bible Has the Answer* (Grand Rapids, MI: Faith, Prayer and Tract League, 1953), p. 6.

<sup>26</sup> Tiago 5:16, que nos fala para declarar nossos pecados uns aos outros e orar uns pelos outros, é um mandamento a ser feito por *todos* os cristãos para a mútua edificação. Pelo conhecimento das debilidade e maus hábitos uns dos outros, nós podemos efetivamente



A bíblia ensina que é privilégio de todo pecador penitente confessar seus pecados diretamente a Deus: *“Se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo para perdoar os nossos e nos purificar de toda injustiça”* (Jo. 1:9). O que Jesus disse quando contou a estória sobre o fariseu e o publicano? O publicano não tinha sacerdote, e ele não foi a um confessionário. Tudo o que ele fez foi clamar com a cabeça curvada, *“Deus, tem misericórdia de mim, um pecador”* (Lc. 18:13). Ele foi diretamente a Deus, e Jesus disse que ele desceu para casa justificado. Realmente, porque alguém iria confessar seus pecados a um sacerdote quando as Escrituras declaram tão claramente, *“Há um só Deus, e também um mediador entre Deus e os homens, ele mesmo homem, Cristo Jesus”* (1 Tm. 2:5)?<sup>27</sup> De fato, a confissão auricular de pecado a um sacerdote ao invés de Deus foi uma inovação tardia instituída pelo Papa Inocêncio III no Concílio de Latrão em 1215.

## *Indulgências*

A Igreja Católica Romana afirma ter o poder de conferir indulgências. Uma indulgência parcial remete uma parte do castigo temporal merecido pelo pecado, e assim pode diminuir o sofrimento devido do pecador sobre a terra e no purgatório. Uma indulgência plena concede uma inteira remissão da punição temporal.<sup>28</sup> *“Indulgências derivam sua eficácia em remeter a punição temporal merecida pelo pecado para os superabundantes méritos de Cristo e Seus santos.”*<sup>29</sup>

A idéia inteira de que Deus pode perdoar nossos pecados e então atribuir a nós punição temporal está ligada a idéia de que nós

---

orar e encorajar. Isso é completamente diferente da confissão católica romana. As provas que os católicos romanos alegam (Mt. 16:19 e Jo. 20:21-23 – as “chaves do reino dos céus”) realmente significam que os apóstolos e todos os cristãos são “instruídos com o Evangelho) (1Tm. 2:4) e portanto podem abrir e fechar o céu no sentido de que se o Evangelho não é pregado, o céu não pode ser aberto; se ele é pregado, então o céu pode ser aberto para os ouvintes que respondem em fé. Interpretar essas passagens de qualquer outra maneira pode fazê-las contradizer muitas passagens que nos mandam confessar diretamente a Deus (Pr. 28:13, Dn. 9:20, Mt. 3:6, Mc. 1:5, 1 Jo. 1:9, etc.); a Escritura não pode contradizer-se.

<sup>27</sup> Boettner, p. 206.

<sup>28</sup> *Catechism of the Catholic Church*, §1471.

<sup>29</sup> Zacchello, p. 161.

podemos obter mérito através das boas obras, e que alguns santos (especialmente Maria) tem sido tão bons que obtiveram méritos extra acumulados para nós cristãos menos santos. Esse ensino é totalmente antibíblico por duas razões:

(1) A bíblia ensina que mesmo o melhor dos santos não pode obter mérito – nem sequer para si. O apóstolo João, escrevendo aos cristãos, disse: *“Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós”* (1 Jo. 1:8 DB). Jesus disse que mesmo se nós obedecermos a tudo em que somos ordenados, não obtemos mérito ou lucro: *“Assim também vós, quando fizer tudo que vos foi ordenado fazer, dizei: “Somos servos inúteis; fizemos o que era nosso dever fazer”* (Lc. 17:10 DB).

(2) Cristo obteve todo o mérito que um cristão poderia necessitar. Ele viveu uma vida sem pecado, assim cumpriu a lei de Deus por cada cristão. Ele morreu uma morte expiatória, pagando assim com o Seu próprio sangue a pena que cada cristão merecia por seus pecados. Sugerir ou ensinar que os cristãos podem obter mérito de suas próprias obras ou das obras dos santos é jogar fora a perfeita obra de Cristo. Boas obras não podem obter mérito; elas são feitas por causa de nosso amor a Jesus Cristo. *“Já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus”* (Rm. 8:1 NAB). *“Um único ato de justiça trouxe para todos os homens absolvição e vida... Por meio da obediência de um homem todos se tornaram justos”* (Rm. 5:18-19 NAB).

Que tipo de doutrina é essa, que dá a um homem (o papa) o poder de dispensar os superabundantes méritos de Cristo e Seus santos àquelas almas que estão no purgatório ou àquelas que pagam para associar-se em uma Sociedade Purgatória, uma Sociedade do Rosário, uma Sociedade Escapular, uma Sociedade da Terceira Ordem? Nós cristãos não necessitamos de um papa ou bispo que nos conceda os méritos de Cristo como uma recompensa por obras ou penitência, usando de um escapulário, etc., porque somos justificados não por obras, mas pela fé (Gl. 2:16; Rm. 5:1).<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Ibid., pp. 163-164.

## *Purgatório*

De acordo com a Igreja Católica Romana existe um estado intermediário chamado purgatório para o qual vão os cristãos que não são tão bons que possam ir ao céu nem tão maus que possam ir para o inferno. Qualquer pessoa que morra com pecado mortal vai diretamente para o inferno depois da morte. O pecado venial, entretanto, pode ser eliminado pelas torturas do purgatório.<sup>31</sup>

A bíblia ensina que todo pecado será perdoado por Jesus Cristo exceto um: a blasfêmia contra o Espírito Santo: *“Por isso, eu vos asseguro, qualquer pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. Qualquer que dizer algo contra o Filho do Homem será perdoado, mas aquele que disser algo contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem no porvir.”* (Mt. 12:31 NAB). Em seu ministério terreno, Cristo frequentemente fez milagres por meio da unção do Espírito Santo que recebeu em Seu batismo por João Batista. Os fariseus, entretanto, reprovavam a Cristo, pois eles atribuíam Seus milagres ao diabo. Nenhum cristão jamais atribuiria os milagres de Cristo ao diabo. Portanto, o cristão penitente pode ter a certeza do absoluto perdão para *todos* os pecados.

Todos os pecados são mortais porque todos os pecadores são merecedores do inferno, contudo Cristo irá perdoar todos os pecados daqueles que confiarem nEle. No evangelho de Lucas, o Senhor perdoou um assassino e ladrão que somente alguns momentos antes zombava dEle: *“‘Em verdade te digo,’* respondeu ele, *‘Hoje estarás comigo no paraíso’”* (Lc. 23:34 JB). O ladrão recebeu perdão completo quando ele olhou para o Salvador em fé. De fato, Cristo prometeu que todos que ouvem e crêem tem vida eterna *agora* – eles não tem de merecer isto ou sofrer por isto no purgatório; eles *têm* isto: *“Eu vos digo muito solenemente, qualquer que ouvir as minhas palavras, e crer naquele que me enviou, tem a vida eterna; não ser trazido a juízo ele passou da morte para a vida”* (Jo. 5:24 JB).

O Apóstolo Paulo ensinou que quando os cristãos morrem eles vão [habitar] com Cristo imediatamente; ele não mencionou nada sobre purgatório: *“Mas nós somos confiantes, e de bom ânimo*

<sup>31</sup> Cf. Baltimore Catechism, sec. XIV, no. 181, p. 129; cf. o Concílio de Trento, 25th sess.

iremos nos ausentar do corpo, e ser *presentes* com o Senhor” (2 Cor. 5:8 DB). “*Partir e estar com Cristo...incomparavelmente melhor*” (Fp. 1:23 DB). Quando alguém confia em Jesus Cristo, a vida perfeita e a morte sacrificial do Salvador já passam a ser posse dele. No que concerne à sua posição em Cristo, qualquer idéia de purificação adicional é completamente errada; purificação posterior é desnecessária. Realmente, o crente crescerá em santidade prática conforme busque amar e obedecer a Cristo, contudo esta santidade não pode de modo algum contribuir para sua justificação perante Deus. Toda nossa justiça própria é como trapo imundo aos olhos de Deus (Is. 64:6).

A doutrina do purgatório surgiu muito tempo depois da morte dos apóstolos.

Os primeiros cristãos do Novo Testamento jamais creram em um tal lugar como o purgatório. A palavra não aparece em nenhum lugar da Bíblia. A idéia de purgatório e orações pelas almas no purgatório não era conhecida pela igreja professa em nenhum grau até 600 d.C. quando o Papa Gregório o Grande fez reivindicações para um terceiro estado – um lugar para a purificação das almas antes de sua entrada no céu. Isto não foi aceito como um dogma da Igreja Católica, entretanto, até 1459 no Concílio de Florença. Noventa anos depois, o Concílio de Trento confirmou esse dogma amaldiçoando aqueles que não aceitam a doutrina.<sup>32</sup>

## *Transubstanciação*

De acordo com a Igreja Católica Romana, quando o vinho e a hóstia são consagrados por um padre, a substância do pão e do vinho é transformada no corpo e sangue reais de Cristo; esta mudança é chamada transubstanciação. Debaixo do que parece ser pão e vinho estão realmente o corpo e sangue, alma e divindade de Jesus Cristo.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> *Heresies of Rome*, como citado por Woodrow, p. 71.

<sup>33</sup> Concílio de Trento, 13th sess., can. 1.

A doutrina da transubstanciação é uma negação da doutrina bíblica de Cristo. Jesus Cristo era totalmente Deus e totalmente homem, duas naturezas distintas em uma só pessoa; embora essas duas naturezas de modo algum se misturassem ou confundissem. Essa visão, fixada pela igreja no Concílio da Calcedônia em 451 d.C., é aceita semelhantemente por Protestantes e Católicos romanos. Contudo a transubstanciação concede atributos divinos à natureza humana finita de Cristo.<sup>34</sup> Seu corpo humano, Sua carne e sangue, não podem estar presentes no mundo inteiro ao mesmo tempo na eucaristia sem haver o atributo divino da onipresença. A bíblia ensina que Jesus Cristo está *espiritualmente* presente – não fisicamente presente – no pão e vinho.

Estudando o ensino de Cristo fica claro que Sua referência à Seu corpo e sangue era simbólica. Os exemplos de Cristo usando linguagem figurativa e simbólica são numerosos: Ele refere-se a si mesmo como uma porta (Jo. 10:14), um templo (Jo. 2:19), uma videira (Jo. 15:5), um pastor (Jo. 10:14), e pão (Jo. 6:35). Ele refere-se ao Espírito Santo como água (Jo. 4:14). Quando Ele instituiu a ceia do Senhor ele chamou o cálice de a nova aliança (1 Cor. 11:25).

Do mesmo modo, “nós sabemos que estes elementos não se tornam a carne e sangue literais de Jesus quando são ‘abençoados’, porque Ele (literalmente) ainda está lá! Ele não foi transformado de uma pessoa em algum líquido ou pão!”<sup>35</sup> “Jesus Cristo, *após* abençoar o sacramento, ainda o chamou de ‘o fruto da vide’ – não Seu sangue literal (veja Mt. 26:29). Paulo, também, disse que o pão permanece pão (1 Cor. 11:27-28).”<sup>36</sup> “Se o vinho se tornasse o sangue literal durante a missa ritual – como se reivindica – então bebê-lo seria proibido pela Escritura” (Veja Lev. 3:17; 7:26; 17:10, 12; Atos 15:20).<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> A mistura das naturezas divina e humana de Cristo em uma só natureza (Apolinarismo) foi condenada pelo Papa Damásio. Um concílio da igreja em Roma (377), sínodos em Alexandria (378) e Antioquia (379), e um concílio em Constantinopla (381), bem como decretos emitidos em 383, 384 e 388, todos condenaram o Apolinarismo como heresia. Veja J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines* (Nova Iorque: Harper and Row, 1960), pp. 289-297.

<sup>35</sup> Woodrow, p. 126.

<sup>36</sup> Boettner, p. 178.

<sup>37</sup> Woodrow, p. 127.



“Quando o sacerdote romano consagra o pão, este passa a chamar-se ‘hóstia’ e ela é adorada como sendo Deus. Mas se a doutrina da transubstanciação é falsa, então a ‘hóstia’ não é mais o corpo de Cristo do que qualquer outro pedaço de pão. E se a alma e a divindade de Cristo não estão presentes, então o culto dele não passa de idolatria, igual ao das tribos pagãs que adoram fetiches.”<sup>38</sup> De acordo com a Igreja Católica Romana, na missa um verdadeiro, apropriado, e propiciatório<sup>39</sup> sacrifício para Deus é oferecido. Aquele sacrifício é idêntico ao sacrifício da cruz, já que Cristo é tanto o sacerdote quanto a vítima. A única diferença consiste na maneira de oferecer, que é sangrando sobre a cruz e sangrado sobre o altar.<sup>40</sup>

A bíblia ensina que o sacrifício de Cristo foi perfeito, completo, final – e um evento único que *nunca* será repetido: “Diferente de outros sumo-sacerdotes, ele não precisou oferecer sacrifício dia após dia, primeiro por seus próprios pecados e então pelos das pessoas; ele o fez *de uma vez por todas* quando ofereceu a si mesmo” (Hb. 7:27 NAB). “Cristo...como sumo-sacerdote...entrou no santuário *de uma vez por todas*, havendo com ele...seu próprio sangue, obtido eterna redenção para nós” (Hb. 9:12) JB). “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos..., ele entrou no próprio céu para comparecer perante Deus, agora, por nós. *Não* que ele pudesse oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo-sacerdote entrava ano após ano no santuário, com sangue alheio; se fosse assim, seria necessário sofrer a morte muitas vezes desde a criação do mundo. Mas agora, ao se cumprirem os tempos, para lançar fora os pecados *de uma vez por todas* por meio de seu sacrifício” (Hb. 9:24-26 NAB). “Ele...ofereceu *um único sacrifício* pelos pecados \*Hb. 10:12 JB). “Cristo...jamais morrerá novamente...ele morreu de uma vez por todas” (Rm. 6:9-10 JB).

---

<sup>38</sup> Boettner, p. 179.

<sup>39</sup> Um sacrifício propiciatório satisfaz a justiça de Deus e remove a pena do pecado.

<sup>40</sup> “Se alguém diz que na missa um verdadeiro e real sacrifício não é oferecido a Deus...seja ele anátema” (Concílio de Trento, 22nd sess., can. 1). “Se alguém diz que...Cristo...não ordena que...outros sacerdotes devam oferecer Seu próprio corpo e sangue, seja ele anátema” (can. 2). “Se alguém diz que o sacrifício da missa não é uma [sacrifício] propiciatório...seja ele anátema” (can. 3). Cf. o New York Catechism e o Credo do Papa Pio IV.

A Igreja Católica Romana faz exatamente o oposto do que a bíblia ensina. Cristo é sacrificado milhares de vezes a cada dia no ritual da missa! A missa, o mais central aspecto da fé católica romana, é pecado, “pois é uma negação da eficácia do sacrifício reconciliatório de Cristo no Calvário”.<sup>41</sup>

A tabela a seguir mostra uma comparação entre a comunhão da ceia instituída por Cristo e aquela da missa católica romana hoje:

<b>A CEIA DO SENHOR</b>	<b>A MISSA CATÓLICA ROMANA</b>
O pão é partido	O pão é servido inteiro, redondo
Foi tomada à noite	Tomada cedo pela manhã
Tomada após uma refeição	Deve-se estar em jejum
Instituída por Jesus	Uma mistura do paganismo
Pão e o cálice representam o corpo e o sangue do Senhor	Diz-se que pão e vinho se tornam carne e sangue
Toma-se tanto o pão quanto o fruto da vide	A congregação come somente o pão
Representa uma obra terminada, um sacrifício perfeito	Cada missa é supostamente um novo sacrifício de Cristo
Uma bênção simples era dada sobre os alimentos	Longas orações são entoadas pelos vivos e os mortos
Caracteriza a simplicidade de uma refeição comum	Ritualismo elaborado, ritos <sup>42</sup>

<sup>41</sup> Boettner, p. 182.

<sup>42</sup> Woodrow, p. 140.

## *A doutrina católica romana da justificação*

A Igreja Católica Romana ensina que a salvação depende, no fim das contas, depende de nós mesmos, é ganha pela obediência à lei da igreja (por exemplo, freqüência regular à missa, orações de rosário, jejum, uso de medalhas, crucifixos ou escapulários, etc.). Nesse sistema Deus perdoa somente aqueles que tentam reconciliar-se por seus pecados através dos frutos da penitência.<sup>43</sup> Esse sistema inteiro existe porque o sacrifício de Cristo sobre a cruz não é considerado como suficiente. A doutrina da igreja católica da justificação (de como o homem se torna justificado ou perfeitamente justo perante Deus) reflete o complicado sistema romanista de salvação pelas obras.<sup>44</sup>

<b>VISÃO CATÓLICA ROMANA</b>	<b>VISÃO BÍBLICA</b>	
Justificação é obra da graça de Deus no homem.	Justificação é obra da graça de Deus em Jesus Cristo. <sup>45</sup>	“Sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Rom. 3:24 DB).
À medida que um homem, pela graça, torna-se mais e mais justo pela obediência à lei de Deus, à lei canônica da Igreja, e	Deus aceita o homem tão-somente pelos méritos de Jesus Cristo.	“Pois consideramos que o homem seja justificado pela fé, sem as obras da lei” (Rom. 3:20 DB).

<sup>43</sup> A confusão foi introduzida por uma má tradução da palavra grega para “arrepender-se” por “penitenciar-se” (cf. Concílio de Trento, 14th sess., ch. 1); “arrepender-se” e “penitenciar-se” são completamente diferentes.

<sup>44</sup> “Se alguém diz que o picador é justificado pela fé somente, significa que nada mais é requerido para cooperar para obter a graça da justificação...seja ele anátema... Se alguém diz que a justificação pela fé é nada mais do que confiar na misericórdia divina, a qual remete pecados para a obra de Cristo, ou que é essa confiança somente que nos justifica, seja ele anátema” (Concílio de Trento, 6th sess., can. 9, 12).

<sup>45</sup> Veja Robert D. Brinsmead, *Present Truth* (Fallbrooke, CA), especialmente o assunto da justificação pela fé.

o uso dos sacramentos, Deus irá aceitá-lo.		
Fé e boas obras são a base para a justificação. <sup>46</sup>	<i>Somente a fé em Cristo é a base para a justificação.</i>	“Pela graça sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef. 2:8-9 DB).
A transformação da graça de Deus <i>infunde</i> justiça no homem que coopera com a graça. Assim, a justificação é <i>subjetiva</i> .	A justiça de Cristo é <i>imputada</i> ou creditada ao crente através da fé. Assim, a justificação é <i>objetiva</i> .	“Quando alguém nada faz, mas crê naquele que justifica o picador, sua fé é creditada como justiça... Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui culpa” (Rom. 4:4-8 NAB).
Nossa justiça é aceitável a Deus. De fato, alguns santos têm feito mais do que Deus requer, e têm estocado méritos extra que nós podemos adquirir.	Mesmo a melhor das nossas boas obras é manchada com pecado. Nossas boas obras não contribuem em nada para a nossa salvação.	“Mas nós somos como coisa imunda, e toda nossa justiça como trapo de imundícia” (Is. 64:6 RSV). “Desejo somente a perfeição que vem por meio da fé em Cristo, e procede de Deus e baseia-se na fé” (Fp. 3:9 JB).
Justificação é um processo gradual que não chega a ser terminado nesta vida. Ele usualmente é completo pelas torturas do purgatório.	Justificação é um ato instantâneo. Ele é completo, eterno e perfeito, não aos poucos ou gradualmente.	“Eu solenemente vos asseguro, aquele que ouvir as minhas palavras e crer naquele que me enviou <i>possui</i> a vida eterna. Não entra em condenação mas passou da morte para a vida” (Jo. 5:25 NAB).  “Até mesmo quando vós estáveis mortos em pecado... Deus lhes deu

<sup>46</sup> “Movido pelo Espírito Santo, nós podemos [obter] *mérito* para nós mesmos e para outros de todas as graças necessárias para alcançar a vida eterna...” (*Catechism of the Catholic Church*, §2027).

		nova vida em companhia com Cristo. Ele perdoou todos os nossos pecados, Ele cancelou a dívida que pesava contra nós com todas as suas reivindicações, lançando-o para cima e cravando-o na cruz” (Col 2:13-14 NAB).
--	--	---

A Igreja Católica Romana perverteu a doutrina da justificação confundindo-a com a doutrina da santificação.<sup>47</sup> Biblicamente falando, depois que alguém é tornado justo perante Deus, ele inicia um processo de santificação por toda a vida, no qual ele se desenvolve em santidade e obediência à lei de Deus. Justificação é a base, o ponto de partida, para a santificação (Rom. 6). A justificação remove a culpa do pecado e restabelece o pecador ao lar como um filho de Deus. A santificação remove os hábitos pecaminosos e faz o pecador ser cada vez mais como Cristo. Justificação ocorre fora do pecador, no tribunal de Deus. Santificação ocorre na vida interior do homem. A justificação acontece de uma vez por todas. A santificação é um processo contínuo que nunca é completo nesta vida.<sup>48</sup>

## Conclusão

Após examinar algumas das doutrinas-chave católico-romanas, fica claro que muito freqüentemente a tradição e os ensinamentos humanos foram substituindo a verdadeira doutrina bíblica. Muitos líderes católico-romanos e leigos estão fazendo as ações caridosas que lhes são ordenadas. E nem todo dogma católico-romano é falso;

<sup>47</sup> “Justificação é um ato judicial de Deus, no qual Ele declara, sob a base da justiça de Jesus Cristo, que todos as reivindicações da lei estão satisfeitas com respeito ao pecador....Santificação pode ser definida como aquela graciosa e contínua operação do Espírito Santo, pela qual Ele retira os pecadores justificados da poluição do pecado, renova sua completa natureza à imagem de Deus, e os capacita a desenvolver boas obras” (L. Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), pp. 513, 532.

<sup>48</sup> Ibid., pp. 513-514.

a divindade de Cristo e a trindade são exemplos notáveis. Mas a Igreja Católica Romana se apartou da Palavra de Deus em tantas áreas cruciais que permanecer sob tal ensino é brincar com a própria alma. Não há dúvida de que alguns leitores da Bíblia, católicos romanos crentes na bíblia, são salvos, mas eles são salvos *apesar* do romanismo e não *por causa* dele.

Você precisa perguntar seriamente a si mesmo: Eu sou um católico romano porque eu estudei a Bíblia e descobri que sua doutrina é idêntica à da igreja? Ou em sou um católico romano porque eu nasci na igreja? Eu devo confiar minha alma a uma igreja que pratica idolatria? Eu devo confiar a minha salvação e a da minha família a uma igreja que muda sua doutrina para se adequar à cultura circunvizinha (e.g., Vaticano II), quando a doutrina bíblica nunca mudou nem nunca mudará? Eu devo confiar meu lugar na eternidade à uma igreja que explicitamente nega a doutrina bíblica da salvação (e.g., Concílio de Trento)? Você está lendo a bíblia e obedecendo ao que ela diz, mesmo quando isto afronta o que sua família e amigos acreditam? Jesus disse que você deve amá-Lo e servi-Lo mais do que a sua própria família, e até mais do que a você mesmo (Lc. 14:26).

Você pode deixar para trás o jugo pesado da dúvida, medo e escravidão ao ritual e regras feitas por homens, através da confiança somente no Senhor Jesus Cristo para a sua salvação. Creia que Jesus Cristo viveu uma vida perfeita, sem pecado, em seu lugar. Creia que Ele morreu uma morte expiatória, sacrificial, para cobrir seus pecados com o Seu sangue, satisfazendo assim a ira de Deus contra seu pecado. Creia que Ele se levantou da morte vitorioso sobre o pecado e a morte por você. Creia que Ele ascendeu à mão direita de Deus para interceder por você, enviou o Espírito Santo para regenerá-lo (fazer você nascer de novo) e ajudá-lo a segui-Lo. Se arrependa do seu passado, seu estilo de vida pecaminoso. A verdadeira fé em Cristo *deve* fazê-lo andar em uma vida de bondade e boas obras; de outro modo você não tem fé verdadeira e ainda continua em trevas (Tg. 1-2). Relembre, santidade e boas obras não contribuem de modo algum para a sua salvação; elas são evidências de que a salvação já aconteceu.



## *Sugestões de Leitura*

Loraine Boettner, *Catolicismo Romano* (São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1985).

Carlos Hastings Collette, *Inovações do Romanismo* (São Paulo, SP: Parakletos, 2001).

Martyn Lloyd-Jones, *Luther and His Message for Today* (London: Evangelical Press, 1968).

Martyn Lloyd-Jones, *Roman Catholicism* (London: Evangelical Press).

Ralph Woodrow, *Babylon Mystery Religion* (Riverside, CA, 1966).

Joseph Zacchello, *Secrets of Romanism* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1948).